

Material

Pedagógico

Caderno: Alfabetizar e libertar

0031

DOC-54

05.06.92

DADOS QUE PODERÃO SER ÚTEIS À ELABORAÇÃO DO CADERNO I

1 - Holanda, Sérgio Buarque de, Raízes do Brasil, 4a Edição, Editora Universidade de Brasília, 1963.

- Tanto portugueses, como espanhóis, apresentam em sua história verdadeiro repúdio pela moral que sustentava o culto ao trabalho. Para eles o trabalho manual e mecânico visa a um fim exterior ao homem e só pretende conseguir a perfeição de uma obra destinta dele. Esta carência da moral do trabalho, corresponde a uma reduzida capacidade de Organização Social. (pag. 12)

- Têm a obediência como virtude suprema. A vontade de mandar e a disposição de cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares. (pag. 12)

- O português caracteriza-se por ser aventureiro, sem fronteiras, vive dos espaços ilimitados, projetos vastos e horizontes distantes. Isto além da audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade. (pag. 19)

- Veio buscar a riqueza, mas a riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho. (pag. 25)

- Não eram uma civilização agrícola. Os portugueses e seus descendentes não se sentiam estimulados a superar os métodos rudimentares de trabalho com a enxada. O objetivo era extrair sem muito sacrifício. (pag. 29)

- A mistura de raças já ocorria entre os portugueses mesmo antes de virem para o Brasil. (pag. 32)

- No relacionamento com seu donos, os escravos, oscilavam da situação de dependentes, para protegidos, até solidários e afins. (pag. 33)

- Mesmo assim discriminavam em função dos costumes. O senado anulou, em 1720, a eleição de um indivíduo que vendia "sardinhas e berimbaus". (pag. 38)

Estes exemplos e muitos outros, nos colocam frente à realidade que deu base para a nossa formação. De origem personalista, sem valorizar qualquer forma de associação, o que prevalecia era a "Moral da Senzala": negadora de todas as virtudes sociais, paralizante de qualquer energia produtiva, sinuosa até na violência.

Mais do que outros povos, Portugal, cedia ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros. Encaravam a mestiçagem como processo normal.

- Portugal investe em uma colonização marítima e fluvial. Esta é facilitada por se encontrar no litoral uma única família de índios. Seu idioma aprendido pelos jesuítas, serviu de intercursopara os demais povos do país. (pag. 98)

- Os povos Tupi haviam ocupado o litoral pouco tempo antes dos portugueses. A perfeita identidade cultural dos povos Tupi-Guarani para assimilarem traços de culturas diferentes da sua e para "tupinizarem" os povos estranhos da sua raça. (pag. 99)

- Carater de feitorização e não decolonização. Tudo era para a metrópole. No alvará de 5 de janeiro de 1785, que mandava extinguir todas as manufaturas de ouro, prata, seda, algodão, linho e lã, alegava-se que, tendo os moradores da colônia, por meio da lavoura e da cultura tudo que lhes era necessário, se a isto se juntassem as vantagens da indústria e das artes para vestuário, "ficarão os ditos habitantes totalmente independentes da sua capital dominante". (pag. 102)

- QUANTO À VIDA INTELECTUAL NA AMÉRICA ESPANHOLA E NO BRASIL:

- Já em 1535 se imprimiam livros na cidade do México. Em todas as principais cidades da América Espanhola existiam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, o ano em que apareceu no Rio de Janeiro, para depois ser fechada. (pag. 119)

- Durante o período colonial, saíram das oficinas do México 11.652 obras. (pag. 120)

- A administração lusitana dificultou o desenvolvimento da cultura intelectual no Brasil com o propósito de impedir a circulação de idéias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade de seu domínio. (pag. 121)

- A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. (pag. 137)

- No Brasil, é precisamente o rigorismo do rito que se afluxa e se humaniza. (pag. 141)

- No Brasil foi justamente nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, "democrático", um culto que dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu pela base, o nosso sentimento religioso. (pag. 142)

AINDA QUANTO AO RIGOR DO CULTO:

- É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos. (pag. 144)

- A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente no conjunto social. (pag. 144)

- ...O prestígio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexível, o horror ao vago, do hesitante, ao fluido, que obrigam à colaboração, ao esforço e, por conseguinte, a certa dependência e mesmo abdicação da personalidade tem determinado assiduamente nossa formação espiritual. (pag. 150)

- Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. (pag. 153)

- ...No dia em que o mundo rural se achou desagregado e começou a ceder rapidamente à invasão impiedosa do mundo das cidades, entrou também a decair... (pag. 165)

- É particularmente no oeste da província de São Paulo ...1840 - que os cafezais adquiriram seu caráter próprio... A terra de lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e de riqueza... Decai rapidamente a indústria caseira e diminuem em muitos lugares as plantações de mantimentos, que garantiam outrora certa autonomia à propriedade rural. (pag. 167)

- Simplifican-se a produção, aumentou, por conseguinte, a necessidade do recurso aos centros urbanos distribuidores dos mantimentos, que outrora se criavam no próprio lugar. (pag. 168)

- ...A urbanização contínua, progressiva, avassaladora, fenômeno social que as instituições republicanas deviam representar a forma exterior complementar, destruiu este esteio rural, que fazia a força do reime

decaído, sem lograr substituí-lo, até agora, por nada de novo. (pag. 170)

- Não ambicionamos o prestígio de país conquistador e detestamos notoriamente as soluções violentas. Desejamos ser o povo mais brando e comportado do mundo. (pag. 171)

- Costumamos julgar, ao contrário, que os bons regulamentos e a obediência aos preceitos abstratos representam a floração ideal de uma apurada educação política, da alfabetização, da aquisição de hábitos civilizados e de outras condições igualmente excelentes. (pag. 173)

- Na tão malsinada primazia das conveniências particulares sobre os interesses de ordem coletiva revela-se nitidamente o predomínio do elemento emotivo sobre o racional. (pag. 178)

- É ineável que em nossa vida política o personalismo pode ser em muitos casos uma força positiva e que ao seu lado os lemas da democracia liberal parecem conceitos puramente ornamentais ou declamatórios, sem raízes fundadas na realidade. (pag. 179)

2 - Freire, Ana Maria A., Analfabetismo no Brasil, Editora...

- Intimação de 19 de junho de 1578, feita à Câmara de São Vicente, proibindo que o ferreiro Bartholomeu Fernandes, único no lugar, ensinasse seu ofício aos da terra. (pag. 23)

- Lei de 18/03/1606, que estabelecia o isolamento do país ao contato com toda e qualquer nação no mundo que não fosse Portugal. (pag. 23)

- Lei de 20/02/1690, proibindo o uso de outro sal que não fosse o vindo de Portugal (as salinas brasileiras já eram conhecidas). (pag. 23)

- Alvará de 26/06/1702 proibindo a cultura do arroz. (pag.23)

- Aviso de 14/09/1725, ordenando que não se introduzisse o sabão na capitania do RJ, mas como o povo acabou fabricando-o, foi decretado o alvará de 05/02/1767, proibindo a fabricação de sabão no Brasil. (pag. 23)

- Carta Régia de 30/06/1766, proibindo em todo o Brasil o ofício de ourives. (pag. 24)

- Aviso Régio de 05/01/1785, mandando acabar com todas as fábricas de manufatura no Brasil. (pag. 24)

- " Bando" (Proclamação, Pregão Público) de 19/10/1710, do Governador Francisco de Castro Morais, ameaçando de degredo por dois anos e pesadas multas, aos que ousassem escrever sobre ocorrências de seu governo. (pag.24)

- Alvará de 20 de março de 1720, proibindo letras impressas no Brasil. (pag. 24)

- Carta Régia de 26/04/1730, proibindo correio por terra no Brasil. (pag. 24)

- Alvará de 16/12/1794, proibindo despacho de livros e papéis para o Brasil. (pag. 24)

- Aviso 18/06/1800 ao capitão-general das Minas, repreendendo a Câmara de Tamanduás por ter instituído uma aula de primeiras letras. (pag. 24)

- O Tupi, chamado de língua brasílica, foi proibido de ser falado no Brasil, por proclamação do governo português datada de 1727. (pag. 25)

- Em 1747 o governo português mandou destruir e queimar a primeira gráfica da colônia. (pag. 25)

- Sobre o Período Jesuítico: Introjetaram comportamentos de submissão, obediência, hierarquia, disciplina, devoção cristã, imitação e exemplo.

Valorizavam: Deus, céu, sacerdote, branco, cristão, casado pelas leis

católicas, monogamia, conquistador, alma linguas latina e portuguesa, civilizado, trabalho, metrópole, guerra justa, legalidade...

Condenavam: Demônio, inferno, feiticeiro, Índio e preto, pagão, amancebado, poligamia, gentio, conquistado, mal, corpo, natureza, linguas gentílicas, inculto, ócio, colônia, guerra de vingança, irracionalidade, nomadismo... (pag. 29)

- A "Ratio Studiorum" regeu nossa educação de 1599 a 1759, privilegiando cursos de filosofia, teologia e humanidades, em detrimento do ensino elementar. O latim e o grego eram as disciplinas dominantes. (pag. 35)

- Valores medievais da educação jesuítica: os conteúdos, a metodologia de ensino, o curto período de férias anuais, principalmente para crianças menores (reduzindo o contato do aluno com o mundo pecaminoso e pernicioso), os castigos corporais, a formação do professor-padre, a supremacia do latim sobre a língua vernácula, visão de mundo aristotélico-tomista. (pag. 37)

- Era proibido às mulheres navegar nas embarcações dos jesuítas. Era fonte de pecado. Isto ocorria também nas escolas. (pag. 39)

- Quanto à Reforma Pombalina: deixou o Brasil 13 anos sem escolas. Um ponto positivo foi a valorização e, conseqüente, estudo na e da língua vernácula - o português. (pag. 42)

- Criado o fundo escolar, em 10/11/1772, para ser aplicado no ensino, formado por impostos arrecadados na venda de carne, aguardente e vinho. (pag. 43)

- Quanto ao Período Joanino: Criado o 1º jornal brasileiro em 1810 - Gazeta do RJ, e a 1ª Biblioteca Pública. As leis na Constituição de 1824, sobre educação foram cumpridas. (pag. 45)

- Período pós-autonomia política (1822-1850): Escolas de "Primeiras Letras": conteúdos diferenciados por sexo. Homens estudavam: leitura, escrita, quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, noções gerais de geometria prática, gramática da língua nacional e princípios de moral cristã. Mulheres: exclusa geografia, resumia a aritmética às quatro operações e acrescentava prendas domésticas. (pag. 49)

- Método Lancasteriano: Lições de poucas idéias, para serem aprendidas facilmente, rapidamente serem "aprendidas", repetidas para serem fixadas. (pag. 49)

- Período de 1850 a 1930:

- Reformas educacionais de Couto Ferraz;

. Fica proibido aos professores públicos exercerem qualquer atividade comercial ou industrial.

. Alunos acima de 12 anos poderiam ser professores adjuntos na escola pública. (pag. 91)

- Proibida a entrada na escola pública os que tiverem moléstias contagiosas, os que tivessem sido vacinados e os escravos. (pag. 92)

- Prevê a instrução para adulto, mas nenhuma classe foi viabilizada. (pag. 92)

- Pelo Art. 16 as professoras deveriam atestar seu estado civil e as solteiras poderiam exercer o magistério público só após 25 anos. (pag. 92)

- O Presidente da Provincia do Paraná, Polidoro César Burlamaqui, em 1867, assim se pronunciou: "... por via de regra só quer ser professor quem não pode ser outra coisa... que perspectiva agradável se oferece ao aspirante ao magistério." (pag. 100)

- Ainda depois de 1881, as alunas eram dispensadas das aulas de anatomia e fisiologia, porque não havia professoras capazes de ministrar tais matérias e elas não podiam se juntar ao grupo de alunos. (pag. 104)

- Entre 1860 a 1890 abriu-se um espaço cada vez maior para a iniciativa privada na educação. (pag. 101 e 109 - artigo 8o).

3 - Ribeiro, Darcy. Os Índios e a Civilização, Editora Círculo do Livro, sd, São Paulo.

(Muitas informações no texto e uma supervalorização do trabalho de Rondon, a meu ver desnecessária)

CAPÍTULO V - A Política Indigenista Brasileira:

- Em 1910largas faixas do território nacional estavam interditadas a qualquer atividade econômica pelas lutas sangrentas que levavam tribos inteiras ao extermínio. As notícias dessas lutas ocupavam todos os jornais, eram discutidas nas assembleias legislativas, nas associações científicas e instituições filantrópicas, todas elas exigindo providências imediatas. (pag. 117)

- Era esta a situação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, interrompida algumas léguas adiante da capital de São Paulo pelos Índios Kaingâng, que infundiam o terror numa frente de trezentos quilômetros ao longodaquela ferrovia e na região compreendida entre os rios Tietê, Feio, do Peixe e Paranapanema. (pag. 117)

- ...para o sertão, o Índio era a fera indomável que detinha a terra virgem; era o inimigo imediato que o pioneiro precisava imaginar feroz e inumano, a fim de justificar a seus próprios olhos, a própria ferocidade. (pag. 118)

- ... o UrWaldsbote, jornal em que os colonos alemães de Santa Catarina narravam seus padecimentos... expõe este programa:

"... Claro que todas as medidas a empregar devem calcar-se sobre este princípio: em primeiro lugar defender os brancos contra a raça vermelha. Qualquer catequese com outro fim não serve. Por que não tentar imediatamente? Se a tentativa não der resultado algum, satisfizerem-se as tendências humanitárias: então, sem mais prestar ouvidos às imprecizações enfáticas e ridículas de estravagantes apóstolos humanitários, proceda-se como o caso exige, exterminem-se os refratários à marcha ascendente da nossa civilização, visto como não representam elemento de trabalho e progresso." (pag. 120)

- O regulamento baixado com a lei de criação do Serviço de Proteção aos Índios, confirmado, com pequenas modificações, pelo Decreto No 9 214, de 15 de dezembro de 1911, fixou as linhas mestras da política indigenista brasileira. (pag. 126)

- Pela primeira vez era estatuído, como princípio de lei, o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: aquele que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente podia mudar. (pag. 127)

- Pelo regimento ficava também proibido o desmembramento da família indígena, pela separação de pais e filhos, sob pretexto de educação ou catequese. Era uma prática secular que, embora responsável por fracassos clamorosos e até por levantes sangrentos, continuava em vigor. (pag. 127)

CAPÍTULO VIII - As etapas da integração:

- A simples necessidade de comunicação com os representantes da sociedade nacional leva rapidamente alguns indivíduos a se esforçarem para dominar o português...Deparamos com esta situação entre os Índios Guaikurú e Terêna de Lalima, no sul do Mato Grosso, e os Umutina, recolhidos ao posto Fraternidade Indígena. Levados a viver juntos e diante da dificuldade de comunicação, por falarem línguas diversas, todos tiveram de adotar o português. (pag. 228)

- Na mesma região do Rio Negro, encontramos, ainda hoje, remanescentes de diversos grupos indígenas que perderam seus idiomas para adotar uma outra língua aborígene, esta, porém, introduzida pelos civilizados. Trata-se da língua geral, variante do tupi, que, adotada e modificada pelo colonizador, constitui a língua mais falada do Brasil nos dois primeiros séculos. (pag.229).

- Indígena é, no Brasil de hoje essencialmente, aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, em suas diversas variantes, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. (pag. 230)

- Vimos, também, repetidas vezes, Índios que estávamos estudando forçarem nossos acompanhantes sertanejos à busca de respostas a perguntas como: "De onde vieram os brancos?", "Quem é dono do ferro?", "Quem faz os fósforos?", "Como apareceu o sal?" No caso, estávamos diante de duas mentalidades distintas e quase opostas. A do indígena, aberta à indagação, cheia da mais viva curiosidade e segura de que as coisas eram explicáveis. E a do sertanejo, correspondente à mentalidade de um estamento rústico e mistificado de uma sociedade cuja cultura é bipartida em conteúdos eruditos e vulgares. (pag. 342)

- ...Em presença dos padres esses Borôro se vestiam à européia; mas os homens usavam ainda por baixo da calça, o estojo peniano, e as mulheres, por baixo do vestido em forma de camisola, seu antigo traje de cortiça... (pag.352)

4 - Borges, Paulo Alexandre Esteves, Agostinho da Silva = Dispersos, Editora Ministerio da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.

- ... a cultura portuguesa parece nos dar respostas às interrogações que a humanidade põe para o futuro, na sua forma popular, e essa é a que não interessa sobretudo às elocubrações, aos pensamentos dos eruditos nos seus gabinetes, que podem ter interesse pessoal, mas não tem muito interesse coletivo... E o povo deu até hoje três respostas, ou pôs três idéias, que considero fundamentais na língua portuguesa, e com as quais podemos ir com toda confiança para o futuro: a primeira, que se pôs em Portugal, sobretudo no século XV, e que é hoje plenamente viva no Brasil, é uma idéia que se liga a idéias ou teorias mais ou menos teológicas que vieram de fora, da Itália, mas que nos diz fundamentalmente que o povo português acredita que o valor maior que se pode pôr para qualquer homem, e para qualquer espécie de actividade no mundo, é a sua liberdade plena de criar. (pag. 22)

- Dizendo que vale a pena jogar na confiança; que é bom estar de sobreaviso quando tudo nos corre bem; que o máximo de maré baixa é a véspera exacta do encher da maré; que não é mau contar-se quando chove. (pág. 30)

...e, finalmente, que não demos importância às conclusões que tiraram os outros de suas experiências: para nós só fecundas e válidas as

que nós próprios tivermos. (pág. 30)

- Esse é o problema! É que há aí, também, um aspecto a distinguir: é que até hoje não se sabe a etimologia da palavra "trabalhar". Há duas: uma é a que virá do verbo "trabaculare", que significa andar medindo o campo com um certo utensílio; a outra liga a palavra ao termo "tripalium", que era um instrumento de tortura ... Repare que ainda hoje se utiliza a expressão "meu amigo, não me meta em trabalhos", o que dá uma idéia da etimologia da palavra! (pág. 33 e 34)

-...A tupinização dos cristãos é um ponto que os historiadores ocultam com bastante cuidado, porque há toda uma missão portuguesa de andar salvando almas pelo mundo ... e ali, provavelmente, os portugueses salvaram as suas almas ao contrário do que se esperava: não convertendo Índios, mas convertendo-se eles à indianidade ... (pág. 35 e 36)

- E de terem mostrado que o mundo é um arquipélago ou que o mar é uno como dizia o Fernando Pessoa e terem feito várias coisas: deram notícias. Por exemplo, deram a Moçambique a notícia de que no Brasil havia caju e que o caju era uma tão boa reserva de alimento que os Índios no Brasil contavam a idade por cajus. (pág. 40)

... Hoje a manga é considerada um fruto brasileiro. (pág.

40)

-...enquanto o português fez o Brasil, o espanhol fragmentou a América! Aliás, as histórias típicas castelhanas são sempre para sublinhar o carácter, o orgulho, o domínio ... (pág. 41)

- POR TRÁS DOS GRANDES NOMES:

...Das consequências de terem perguntado coisas, veio a revolução científica na Europa: sem o depoimento dos analfabetíssimos marinheiros portugueses não tinha havido Galileu, nem Newton, nem nada disso ... auxiliados, claro, pela álgebra. (pág. 42)

- Exactamente para dar notícias. Não para dar a notícia de que na Índia há manga, mas para dar a notícia de que o homem é uma coisa muito mais extraordinária do que aquilo que a gente julgava até aqui. Que o homem, já livre da escravidão de trabalhar, está com tempos livres ... (pág. 42)

- ...A verdade é que me senti muito feliz ao sair de Aveiro e penso que aquilo de estar a receber um salário regular para cumprir tarefas regulares me deprimia sem eu dar por isso. (pág. 50)

- ...Valiosa também, para mim, que sou contra a pedagogia, é a noção, platônica ou não, de que o que importa não é educar mas evitar que os homens se deseduquem. (pág. 57)

- ...Costumo usar uma fórmula um tanto paradoxal: a realização da utopia por meio da matemática, isto é, não avançar com nada que não seja certo, seguro, racional e experimentado, mas de modo a caminhar para uma utopia, para o impossível. (pág. 58)

-... "América Latina" (Não gosto da designação, inventada pelos franceses que utilizam sempre que não podem, sem excesso de abuso, dizer de alguma coisa que é francesa; ora na América, se é verdade que existem manchas portuguesas e espanholas, e, ao norte, holandesas e francesas, aquilo fundamentalmente é Índio, logo, um prolongamento da Ásia) (pág. 58)

- Foi para mim uma grande lição. Numa cidade onde não havia nem uma única livraria, foi possível montar uma Universidade. Pusemos em prática o provérbio brasileiro de que "quem não tem cão caça com gato",

costumando eu acrescentar "sendo que, por vezes, ainda é necessário ensiná-los a miar". (pág. 61)

- É esta a minha noção de cultura: tornar melhor a vida das pessoas. (pág. 62)

-...Uma das desgraças de Portugal é que foi sempre governado pelo vedor da Fazenda, quando este deveria ser o simples caixa de uma empresa a dirigir pelo Ministério da Cultura. (pág. 62)

- Ora, depois de fundada a Universidade de Brasília e de começarem a aparecer por todo o Brasil universidades como cogumelos, senti que tudo o que havia a fazer estava feito e ia começar a entrar na rotina. (pág. 63)

-... A capital do Brasil foi construída, na realidade, por mestres-de-obra portugueses. Entre os planos dos arquitectos e engenheiros brasileiros e o trabalho do operário nordestino, a ligação actuante era feita pelos mestres-de-obra portugueses. (pág. 67)

-...Não seria de negligenciar a reorganização do nosso actual sistema de educação no sentido de se prepararem cooperadores - se quisermos evitar o termo de capataz - aptos a trabalhar no mundo inteiro como elo de ligação entre todas as formas do saber e da experiência. (pág. 67)

-...se soubermos pensar em termos de entendimento de culturas peninsulares distintas, poderíamos, portugueses e espanhóis, transportar para a Europa uma experiência de grande alcance europeu no futuro, pois o que é a Europa senão um complexo tecido de culturas várias? (pág. 68)

- O importante, disse-o um dia a alguém que me pedia conselho, é ser-se o que é e tornar-se contagioso. A primeira responsabilidade que nos assiste é saber o que se é: continuo convencido de que todos nós nascemos com uma partitura na cabeça. (pág. 68)

- Em suma: creio que a oposição das circunstâncias não é favorável ao surgimento dos indivíduos excepcionais. Quem sabe no que teriam dado Camões, ou Vieira, ou Pessoa, se rodeados de todas as comodidades. (pág. 70)

-...Para mim, o fundamental das coisas é inteiramente misterioso. Nem posso dizer que o fundamental é, pois, ao mesmo tempo, pode não ser. (pág. 72)

-...é-me impossível dizer que alguma coisa é, porque logo suspeito de que não é. Por outras palavras: suspeito que Deus, ao criar o mundo, criou simultaneamente o nada. (pág. 72)

-...E daí que eu possa pensar o Universo não como dilatação no tempo, mas instantaneidade a cada momento, sendo nós, como as platéias no cinema, que reconstruímos a estratificação sob forma evolutiva, porque tal nos parece o mais consentâneo com a nossa experiência do movimento corpóreo. (pág. 73)

-...Muito tempo depois disse-lhe: "já percebi porque o céu é infinito; é porque está sendo sempre criado!". (pág. 74)

- Aqui está uma aguda compreensão do milagre da multiplicação dos pães: realmente multiplicação não havia, acontecia apenas que os pães nunca acabavam. (pág. 74)

- Como se costuma dizer, só se chega a professor de matemática quando se abandona a questionação dos problemas fundamentais da matemática. (pág. 75)

- E quem sabe se o professor de qualquer coisa no mundo se não forma de ignorar os problemas e se o velho Sócrates não teria razão ao considerar a filosofia como a arte de provocar, não de estabelecer verdades? (pág. 75)

-...Pecado contra o Espírito Santo é pecar contra o imprevisível

que de nós se possa soltar de repente. (pág. 78)

-...O amor entre duas pessoas é o que faz que qualquer uma delas seja as duas ao mesmo tempo. (pág. 78)

- A Trindade é o símbolo, posto no eterno, daquilo que os homens gostariam que fosse o amor na terra. Todas as histórias dos desentendimentos havidos no mundo dão testemunho desse abismo. (pág. 78)

-...Teria percebido que a filosofia, quando se transforma em educação, perde a vocação provocadora para se converter em doutrina. (pág. 80)

- Importante é instalarmo-nos no paradoxo. Medo tenho eu do ortodoxo e do heterodoxo, que me coibiram de fazer algo que muito me agrada. (pág. 80)

-...É que os Portugueses apostaram que o impossível não existia, apenas estava coberto. (pág. 86)

-...Então vamos a isso, porque a tarefa de o descobrir às vezes é complicada e temos de ficar com o tempo muito livre para aquilo que for possível. (pág. 86)

-...como nós não sabemos qual a verdadeira máquina da história, como é que as coisas funcionam, toda a vontade que nós temos de dizer que na história alguma coisa foi errada, ou certa, é inteiramente anticientífica. Só podemos dizer que na história houve tal acontecimento. (pág. 93)

- A Europa foi o único lugar onde Portugal não pôs o pé e modernizou. Aos outros continentes Portugal chegou e modernizou. (pág. 94)

-...Tupi gato se diz "pichano" (adulteração de "bichano") (pág. 94)

-...É aprendendo cultura e inserindo-se na cultura que ele pode fazer uma política decente. Porque senão ele está apenas arranjando umas receitas que servem para matar o rato que aparece mas não para a desratização completa ... (pág. 96)

-...Os intelectuais passam a ter uma língua e o povo continua labrego, tratando das vacas: essa coisa é inteiramente inadmissível em qualquer parte do mundo futuro. Eles o que podem ser é políglotas. (pág. 101)

-...Então o que se propunha era que o Brasil fosse lá mostrar que os Africanos tinham conseguido ajudar a fazer um grande país no mundo, que era ele próprio. E, portanto, dar o valor brasileiro como possível para os Africanos se interessarem por esse valor. O projecto não vingou porque interveio São Paulo, e São Paulo não queria saber se os Africanos tinham dado comida ao Brasil, trajes, danças, etc. São Paulo queria era ir para lá mostrar os jipes que montava, os frigoríficos que construíra, para poder vender para um novo mercado. O navio foi, mas não teve êxito nenhum, excepto a banda dos Fuzileiros Navais. (pág. 103)

-...Hoje, no fundo, Portugal tem a missão de varrer a terra e o interior das pessoas e de, restabelecendo a fortificação do pinhal de Leiria, ver a partir disso como é. (pág. 104)

-...aquela coisa de vir no navio com o vento a empurrar, sem ter de remar - o que é muito cómodo -, badalando a perna, vendo coisas engraçadas, contando histórias, divertindo-se com os amigos quando são do tipo do Veloso 1, etc ..., é exactamente o que convém ao Português. (pág. 107)

1 - Fernão Veloso, um dos companheiros de Vasco da Gama à custa de quem Luís de Camões, em "Os Lusíadas", construiu um dos episódios mais felizes do poema (Canto V, estrofes 30 a 36) - (pág. 107)

- ...S. Lázaro era para os naturais o nome cristão de Omulu, um

orixá do candomblé africano. O sacerdote ia dizer missa para S. Lázaro e eles ouviam para Omulu. (pág. 108)

AGOSTINHO ENSINE-NOS

-Prefiro achar que sou livre de decidir, embora também goste de acreditar que o destino me empurra. De resto, muito do que me aconteceu ao longo da vida, foi por acaso ... (pág. 110)

- Já reparou naquilo a que chamo a agonia do trabalho? Toda a nossa vida gira em função do trabalho. Quando se pergunta a alguém o que é, nunca temos a resposta: sou homem ou sou mulher. Diz-se: sou engenheiro, electricista, médico. Só se é gente em referência ao trabalho. (pág. 113)

COM AGOSTINHO DA SILVA, À PROCURA DO FUTURO DE PORTUGAL

- Mas agora temos à nossa disposição o saber científico e as técnicas necessárias para modificar tudo isso, e modificá-lo radicalmente, dando a liberdade a todo o homem de ser aquilo que ele tem de ser: um criador sem nenhuma espécie de inibição. (pág. 129)

A MINHA META É O PONTO SEM DIMENSÃO

- ... a grafia devia ser fonética, pois trata-se de reproduzir o som. Mas isso atrapalha as pessoas, porque começam a pensar o que veio do latim, quando o problema é só a língua portuguesa, não tem nada a ver com o latim. (pag. 134)

- ...Temos que ir mais longe, minha senhora cada pessoa tem que ser expressa. É para isso que se reclama cultura para todas as pessoas, para que possam exprimir aquilo que têm para dizer, de maneira que toda a gente tenha gosto em ouvir a mensagem de cada um. (pag. 134)

- ...O que é necessário é criar no mundo as condições necessárias para que as pessoas possam brotar delas próprias, para que gente que tem morrido aos milh^{ões} sem nunca ter vivido realmente a sua própria vida não tenha mais esse destino daqui por diante. (pag. 137)

-... Cada pessoa tem o dever na vida de ser aquilo que é e de se tornar contagioso, não no sentido de converter os outros naquilo que ele é, que é a tentação de muita gente, mas de os outros serem exatamente aquilo que são. (pag. 138)

- ...a infidelidade que me impreciona a mim é a infidelidade que quase toda a gente tem a si próprio; não ousa ser, quase ninguém ousa ser... (pag. 140)

-...A escola abafa as perguntas, porque perguntar não é conveniente em sociedade e as crianças começam a aprender aquelas respostas que são convenientes para viver em sociedades sem grandes atropelos,... (pag. 140)

- ...A nossa civilização é, fundamentalmente, uma civilização no trabalho, em que as coisas repousam sobre o trabalho. Para resolver o problema de viver muita gente em pouco espaço, obrigam o homem a produzir,... (pag. 140)

- SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: Pag. 145.

- Acho que somos um mediador. Nós temos duas capacidades no povo que não foram plenamente aproveitadas: uma é a capacidade extraordinária de ser capataz, de pegar num grupo de gente e de o levar a realizar determinada tarefa, guiando-o acompanhando-o... A outra qualidade nata dos portugueses é a capacidade de andar ao biscoito. (pag. 146)

- ...Sou contra o trabalho, mas enquanto o trabalho existe no mundo, eu tenho obrigação de trabalhar! Quer dizer, seria uma falta de solidariedade para com o género humano! (pag. 148)

- Isto é, o máximo saber está a desembocar numa coisa que não tem resposta, ou só teria resposta nalguma coisa mais complicada. Então, eu acho que a ciência é aquilo que conduz logicamente à porta do mistério. (pag. 153)

NOSSA OBRIGAÇÃO É SER POETA À SOLTA

- A totalidade é-nos desconhecida? Claro, racionalmente, pois é evidente. A ciência e o racional só servem para chegar às fronteiras do irracional, par mais nada. Porque depois de um sujeito estudar toda a Física e toda a Matemática que é possível, chea àquilo que considera o fim e vai chocar no mistério. (pag. 159)

-... o interesse fundamental que eu tenho no tal culto popular do Espírito Santo, de que sempre falo, é que ele é o projeto do povo português. (pag. 160)

- É para a absurda imprevisibilidade que a gente tem que se soltar. O mundo só estará certo quando a economia, a política e até a metafísica, for de tal maneira que cada uma das pessoas possa e seja completamente imprevisível. (pag. 161)

-... A nossa obrigação é ser poeta à solta e a grande mensagem de Portugal para o mundo deveria ser esta - meus amigos, vamos ser poetas à solta para sermos os tais seres mistos de humanidade e divindade, como na ilha dos amores... (pag. 168)

- ...E olhe que não é muito difícil; o problema é que as pessoas estão imbuídas do mito e da idéia de que, realmente, se tem que trabalhar; uns por punição - o homem pecou, portanto toca a trabalhar, outros porque não vêem saída, porque ninguém está descobrindo nenhum meio das criaturas comerem, vestirem, habitarem e poderem cumprir-se a si próprias, que é fundamental. (pag. 168)

TEXTOS ESPARSOS E INÉDITOS (pag 175 e seguintes)

- Visão sobre História da Humanidade;
- Questões Económicas: Economia e propriedade; capitalismo e religião;
- Visão de mundo das crianças.

PRESENÇA DE PORTUGAL (pag 201 e seguintes)

- Contato com UNB/ Trabalho no Centro BRasileiro de Estudos Portugueses: Muitos Projetos e Festas.

ECUMENA (Pag. 227 e seguintes/ Faltam as páginas 228 e 229)

- Discussões sobre capitalismo e socialismo / Como deve ser o novo sistema / Partidos / Educação.

QUANTO DAO: ENSAIO PARA UMA TEORIA DO BRASIL

- ... certo é que nenhum outro povo apresentava como o português uma linha de ambições espirituais tão nítida e tão lógica. (pag. 270)

- ... o português não procurava, pela viagem, assegurar o económico nem essa outra espécie de domínio que vem a exercer o pensamento de prever para poder. (pag. 270)

- Fé e Império lhe apareciam como impossíveis de separar, e mais ainda, como mutuamente se explicando: a Fé da totalidade dos homens, naturalmente em mancha de extensão, era o império; e o Império se justificava, historicamente e metafisicamente, na sua realidade e na sua essência, pelo seu carácter de concretização da Fé. (pag. 271)

- A nação Tupi, incapaz de fixação duradoura e de organização

social que sinifique qualquer espécie de sedentarismo que não seja apenas temporário, aparece também como que procurando um paraíso em que sua vida se possa desenvolver fora de todas as limitações do tempo e do espaço. (pag. 271)

- Se queremos recair em todos os perigos de introduzir o "se" na história poder-se-ia supor que o livre desenvolvimento de uma civilização luso-tupi no Brasil levaria a alguma coisa semelhante, mas com um sentido de progresso, visto já se incluir a experiência moçárabe, e com muito mais liberdade de viência, sem as prisões do mundo urbanístico da Península, dado o esplendor e a randezza do mundo a que se aportava,... (pag. 272)

- O sofrimento e os desvios da linha primitiva, representados, por exemplo, pelo descimento dos Índios ou pelo importação dos escravos negros, teriam sido bastantes para explicar, da parte do oprimido e da parte do opressor, a famosa tristeza brasileira: uma terra de promessa se velava de repente não apenas a um chefe, como outrora, mas a todos aqueles que, por séculos, tinham tido como via fundamental de marcha a esperança de que se renovasse, em termos concretos e em seu tempo, o mito poético da idade do ouro; e se velava porque, bom grado mal grado, o Brasil fazia parte de uma economia já mundial.

Sob este ponto de vista de retardamento de um Brasil paraíso, é evidente que têm relativamente pouca importância os ciclos ou as zonas econômicas do pau-brasil ou do ouro, embora o estudo deste último nos pudesse fornecer elementos de grande interesse para a compreensão dos movimentos internos do país. (pag. 272)

- ... a corrida para o ouro, que provoca o quase despovoamento de Portugal em homens, fixa no Brasil uma tão elevada percentagem de europeus que o equilíbrio anterior se rompe e se perde aquele hibridismo de cultura que se apresentava como tão promissor; o indígena passa a ser uma minoria que se elimina rapidamente, e a lei de Pombal, banindo o uso do Tupi, é o ponto culminante do drama brasileiro, que consiste essencialmente em ver-se arrastada pelas correntes de um mundo europeu, que lhe é estranho, a nação que estava ensaiando um teor de vida inteiramente novo. (pag. 273)

- ... para o Brasil o drama era ainda mais terrível do que para Portugal e o pungente das igrejas de Minas, ou dos Profetas, muito mais poderoso do que, por exemplo, o da África popular do outro lado do atlântico. Afinal é o Brasil inteiro que está riscando os seus templos e esculpindo os seus santos com as mãos, nascidas para talhar a realização de grandes sonhos, roídas agora pela lepra de uma economia que não construiu, que intimamente repele, mas a que se tem de submeter e a que se submete, com espírito religioso, para futura remissão e glória da Humanidade. (pag. 273)

- ... a nossa imitação do europeu será sempre pobre em relação ao original: mas essa pobreza não é intrínseca; pelo contrário: o que é intrínseco é riqueza de possibilidades na invenção do futuro. No fundo, funcionamos mal, sob este critério europeu, é um atestado de vitalidade e a segurança de que o naufrágio da civilização européia não nos arrastará consigo para os fundos oceânicos do esquecimento histórico. (pag. 274)

- ... o sermos diferentes e, por conseguinte, nos adaptarmos mal, faz com que nos vejamos inferiores perante o europeu típico, o qual, por sua vez, mal acostumado pelos triunfos e pela universidade de seus aparelhamentos, reprova o que não encontra igual, e humilha o que lhe foge aos padrões, sobretudo quando o estuda com a distância científica, diríamos, a objetividade zoológica, de certos antropologistas culturais. (pag. 275)

- ... parece que é da América do Sul que a humanidade poderá

esperar as indicações de novos horizontes....aí se fundiram ou se conservaram etnias para as quais, nos outros pontos da terra, só houve a exterminação; aí se olhou sempre com desconfiança profunda e de massa tudo quanto se centra na eficiência e não no humano, no aprendido e não no imainado, no plano e não na improvisação.(pag. 277)

- ... a unidade ibérica, unidade interna, não externa, que as próprias condições européias fizeram impraticável, pode realizar-se na América sob a guia e o impulso do Brasil e do México. (pag. 278)

- Sem querer de nenhum modo atribuir alicerces exclusivamente econômicos à estruturas artísticas, não deixa de ser necessário relacionar o aparecimento do barroco de Minas ou dos sobradões de fazenda com a mineração do ouro e o surto do café, como as afirmações da arquitetura moderna e de todas as outras artes que são, no fundo, arquitetônicas, vão de par com os proressos da industrialização ou o desenvolvimento de certos pontos. (pag. 278)

- Talvez de todas as tarefas materiais que o Brasil têm à sua frente, seja a mais urgente, a mais indispensável a um surto cultural do futuro, a do reflorestamento do seu território ou de seu florestamento, em certos casos; a atitude tomado quanto às árvores, individual ou coletivamente, será o critério de salvação ou perda do Brasil;... (pag. 280)

- ... a conservação da humanidade de sentimentos e de convivência através de todo o vño puramente abstrato de teoria física moderna são por ventura uma das melhores afirmações das possibilidades futuras do espírito do Brasil. (pag. 284)

- ...Corremos para uma época emque a abundância de produtos e a diminuição do número de horas de trabalho poderão lançar à humanidade a um laiscismo absoluto ou a um mero interesse pelos bens materiais da existência, com as consequências, que já apontam nos que até hoje se aproximaram mais de tal aspecto,... (pag. 285)

- ...Temos de romper todas as cadeias de coisas que atualmente, na maior parte dos casos nos prendem por não desejada ausência e amanhã poderão inutilizar a nossa vida pela sua presença pletórica;... A técnica, e inclui aqui a técnica política de arrumação da humanidade, tem de se orientar não para acumular as utilidades sobre nós de modo a sufocar-nos, mas para fazer do mundo um envoltório mágico que nos permita exercer sem limitações os direitos do espírito pelas estradas reais do não-querer e do criar. (pag. 286)

- ... o mundo de hoje, preso nas redes técnicas que tinha de fabricar como indispensável condição de sua sobrevivência, se vê ameaçado de uma agonia fatal senão surgir o povo ou rupo de povos que o salve, pondo um novo centro de vida, não na comodidade, mas na fantasia, não no pleno ozo mas na recusa, recusa pelo desinteresse e não pela jactância de virtude. (pag. 286)

- ...É, porém, inteiramente verdade que não há salvação coletiva sem salvação individual e que o primeiro, porventura o único dever de cada homem, porque naturalmente daí decorre tudo o que vier, é o de se salvar a si próprio; temos de nos recompor nós, inteiramente em todo o esplendor de uma nova existência para que possamos levar aos outros a mensagem de esperança e apoio. (pag. 287)

(AS PÁGINAS SEGUINTEs DA OBRA - 293 ATÉ O FINAL DO LIVRO - TRATAM DE OBRAS E PUBLICAÇÕES DOS SEGUINTEs AUTOREs:

- Antonio Augusto de Botelho Mourão

- J.J. Conceição da Rocha

- Agostinho da Silva
- George Beyan Mallard
- Mateus - Maria Guadalupe
- Caio M. R.
- Arnold R. Middlebee
- Jose Maria Carriedo

NUMA REVISTA - AS FOLHAS SOLTAS DE SÃO BENTO)

5 - Pierre Fatumbi Verger, Orixás - Deuses e iorubás na Africa e no Novo Mundo, Editora Corrupio Comércio Ltda, 1981, São Paulo.

INTRODUÇÃO - DEFINIÇÃO DO TERMO IORUBÁ

- No Novo Mundo, encontramos os primeiro vestígios da palavra "nagô" em um documento enviado da Bahia em 1756, antes mesmo que esta palavra aparecesse na correspondência da Africa. É todavia provável, como sugere Vivaldo Costa Lima, que "o termo nagô no Brasil seja inspirado naquele correntemente empregado no Daomé para designar os iorubás de qualquer origem," (pag. 14)

- O Conde da Ponte, Governador da Bahia, preocupa-se, em 1807, "com a presença de nagôs tão numerosos nesta cidade, e com razão, pois eles se revoltaram muitas vezes entre 1808 e 1835. Nesse mesmo ano de 1807 ele deplorava a chagada à Bahia de uma embaixada do Rei de Onim", qualificando-os em sua angústia, de "negros da pior espécie chamado nagôs". No entanto, este mesmo rei de Onim(lagos), juntamente com o Imperador de Benim, de quem era vassalo, seriam os primeiros soberanos estrangeiros a reconhecer a independência do Brasil, em 04 de dezembro de 1824, enquanto os da Inglaterra, França e Portugal só o fariam no ano seguinte.(pag. 14)

ORIXÁS

- A religião dos orixás está ligada à noção de família. A família numerosa originaria de um mesmo antepassado que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado que, em vida, estabeleceria vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder à se, do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um dos seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada. (pag. 18)

- As mulheres da família participam das cerimônias e podem se tornar elégún do orixá da família paterna; mas, se forem casadas, é o orixá da família de seu marido que será o de seus filhos. Elas têm assim uma posição um pouco marginalizada na família do marido. São consideradas somente como doadoras de filho, mas não são integradas completamente em seu novo lar. Quando morrem, seu cadáver volta para a casa paterna, onde são enterradas. Mesmo em sua própria família, não têm posição estável, comparável à dos homens. Esse ponto é ilustrado pela pergunta feita pelo pai para saber qual o sexo de seu filho ao nascer: "É o dono da casa(onilé) ou a estrangeira (áléjô)?", situando desde de sua chegada ao mundo a posição relativa dos homens e das mulheres na família iorubá. (pag. 20)

- Uma das características da religião dos orixás é seu espírito de tolerância e ausência de todo proselitismo. Isso é compreensível e justificável pelo caráter restrito de cada um destes cultos aos membros de certas famílias. (pag. 20)

OS ORIXÁS NO NOVO MUNDO - TRAFICO DE ESCRAVOS

- Disso (...vinda de escravos de diferentes regiões da Africa) resultou no Novo Mundo uma multidão de cativos que não falavam a mesma língua, possuindo hábitos de vida diferentes e religiões distintas. Em comum, não tinha senão a infelicidade de estar todos eles, reduzidos à escravidão, longe das suas terras de origem. (pag. 22)

SINCRETISMO

- Mas, voltando aos santos do paraíso católico é certo que eles ajudaram os escravos a lograr e a despistar os seus senhores sobre a natureza das danças que estavam autorizados a realizar, aos domingos, quando se reagrupavam em "batusques" por nações de origem. ...(seus senhores)...Estes últimos vendo os seus escravos dançarem de acordo com os seus hábitos e cantarem nas suas próprias línguas, julgavam não haver ali senão divertimentos de negros nostálgicos. Na realidade, não desconfiavam que o que eles cantavam no decorrer de tais reuniões, eram preces e louvores a seus orixás, a seus vodum, a seus inkissi. Quando precisavam justificar o sentido de seus cantos, os escravos declaravam que louvavam nas suas línguas os santos do paraíso. (pag. 25)

- Ao que parece, certos membros do clero católico julgaram conveniente favorecer este sincretismo, como o Pe. Bouche havia sugerido na própria Africa, ao descrever a estátua da Iangbá, mulher de Oxalá, nos seguintes termos: "Esta deusa que muito se parece com a Santa Virgem, pois tanto uma como a outra salvaram os homens. (pag. 27)

- "... Aqui na Bahia, como em todas as missões de catequese dos negros africanos, sejam elas católicas, protestantes ou maometanas, longe de o negro converter-se ao catolicismo, protestantismo ou islamismo, acontece, ao contrário, influenciá-los com seu "fetichismo" e adaptá-los ao animismo do negro". (pag. 27)

- Com o passar do tempo, com a participação de descendentes africanos e de mulatos cada vez mais numerosos, educados no igual respeito pelas duas religiões, tornaram-se eles tão sinceramente católicos quando vão à igreja, como ligados às tradições africanas quando participavam zelosamente, das cerimônias do candomblé. (pag. 28)

PRIMEIROS TERREIROS DE CANDOMBLE

- ... As reuniões de protestantes eram toleradas só para o estrangeiro; o islamismo, que provocara uma série de revoltas de escravos entre 1808 e 1835, era formalmente proibido e perseguido com extremo rigor; os cultos aos deuses africanos eram ignorados e passavam por práticas supersticiosas. Tais cultos tinham um caráter clandestino e as pessoas que nele tomavam parte eram perseguidas pelas autoridades. (pag. 29)

- Um artigo do Jornal da Bahia de 3 de maio de 1855, faz alusão a uma reunião na casa Ilê Iyanassô: "Foram presos e colocados à disposição da polícia Cristóvão Francisco Tavares, africano emancipado, Maria Salomé, Joana Francisca, Leopoldina Maria da Conceição, Escolástica Mariada Conceição, crioulos livres; os escravos Rodolfo Araújo Sá Barreto, mulato; Melônio, crioulo, e as africanas Maria Tereza, Benedita, Silvana... que estavam no local chamado Engenho Velho, numa reunião que chamavam de candomblé". (pag. 29)

- ... nesse mundo onde o beija-mão, as curvaturas, as deferentes inclinações de cabeça, as mãos ligeiramente balançadas em gestos abençoadores, representavam um papel tão minucioso e docilmente praticado como na corte do Rei Sol. Os terreiros de Candomblé são os últimos lugares

onde as negras do bom-tom reinam ainda soberanamente. (pag. 30)

- A palavra "candomblé", que designa na Bahia as religiões africanas em geral, é de origem bantu. É provável que as influências das religiões vindas regiões da África situadas nas imediações do equador, não se limitem apenas ao nome das cerimônias, mas tenham dado aos cultos gêge e nagô, na Bahia uma forma que os diferencia em certos pontos dessas mesmas manifestações da África. (pag 31)

RELAÇÕES BAHIA-AFRICA

-...pois, se muitas receitas dos pratos africanos, glória da apimentada culinária da Bahia, chegaram até nós, é que foram fielmente conservadas e transmitidas de mães para filhas pelas baianas vendedoras de quitutes nas ruas. Acontecia às vezes que antes de sair de casa elas faziam oferendas de parte da comida nos altares de seus orixás. Quando as pessoas compravam e comiam acarajé, participavam, sem saber, de uma comida em comum com Iansã; e se era caruru, também chamado amalá nos terreiros de canconblé, era com Xangô que comungavam. Assim, por consideração aos gostos dos orixás, nasceram e perpetuaram-se os vários quitutes da Bahia. (pag. 32)

O CULTO DOS ORIXAS

- ...Existem, assim, em cada terreiro de candomblé múltiplos orixás pessoais, reunidos em torno do orixá do terreiro, símbolo do reagrupamento do que foi dispersado pelo tráfico. (pag 33)

ARQUETIPOS

- ... A educação recebida e as experiências vividas, muitas vezes alienantes, são as fontes seguras de sentimentos de frustração e de complexos, e seus consequentes bloqueios e dificuldades. (pag.34)